

# TESTE DE VOCABULÁRIO EMOCIONAL (TVE): ESTUDO EXPLORATÓRIO DE ADAPTAÇÃO E VALIDAÇÃO PARA A POPULAÇÃO PORTUGUESA

Ana Costa<sup>1</sup>

Luísa Faria<sup>2</sup>

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Portugal

## Resumo

Este estudo apresenta a adaptação e a validação de um teste de Inteligência Emocional (IE), *Teste de Vocabulário Emocional (TVE)*, para a população portuguesa, incluindo a tradução, adaptação e estudo exploratório das suas qualidades psicométricas. O instrumento original, constituído por 35 itens, foi desenvolvido por Takšic, Herambasic e Velemir (2003) em contexto educativo, funda-se no modelo de Mayer e Salovey (1997), e pretende medir um aspecto particular da IE, a *capacidade para compreender emoções*. A amostra deste estudo compreendeu 182 alunos dos 10º, 11º e 12º anos do ensino secundário, de ambos os sexos (57,1% do sexo masculino) e com idades compreendidas entre os 15 e os 20 anos (M=16,8; DP=1,26). Os resultados globais do TVE apresentaram valores médios de 18,9 e variaram entre 3 e 30 pontos, dos 0 a 35 pontos possíveis, a que correspondem, respectivamente, a ausência e a totalidade de respostas correctas no teste. No que se refere à análise dos itens, os resultados demonstraram valores satisfatórios quanto ao índice de dificuldade dos itens (M=0,55; D.P.=0,22) e poder discriminativo (M=0,27; D.P.=0,12). Os valores médios de correlação e de covariância inter-itens variaram entre 0,10 e 0,02, respectivamente. O instrumento demonstrou, ainda, uma boa consistência interna com resultados de Kuder-Richardson<sub>20</sub> de 0,77. Globalmente, os resultados demonstram que o instrumento possui qualidades psicométricas satisfatórias, não excluindo, no entanto, a necessidade de replicação dos resultados em amostras mais alargadas e em outros contextos.

## INTRODUÇÃO

Apesar do entusiasmo suscitado pelo conceito de inteligência emocional (IE) e do incremento da investigação durante a década de 90, a sua pesquisa tem sido frenada por acesos debates sobre a sua conceptualização e sobre a respectiva avaliação (Conte, 2005; Davies, Stankov, & Roberts, 1998).

O facto de a IE ser tradicionalmente avaliada quer como um conjunto de traços de personalidade e tendências comportamentais, quer como uma capacidade cognitiva,

---

<sup>1</sup> pdpsi10001@fpce.up.pt; Bolseira de Doutoramento pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Referência SFRH/BD/72596/2010), na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

<sup>2</sup> lfaria@fpce.up.pt

contribui para este debate, uma vez que estas duas formas de perspectivar a IE parecem conduzir à avaliação de construtos distintos (Roberts, Schulze, & MacCann, 2008).

Na verdade, apesar da discussão sobre a operacionalização da IE poder contribuir para a falta de consensos sobre a respectiva avaliação, os problemas metodológicos das medidas (auto-relato *vs.* realização) têm limitado o seu alcance e valor heurístico.

De facto, é particularmente em torno das questões da validade das medidas e do uso de medidas de percepção de competências (auto-relato) em vez de testes objectivos clássicos ou de realização (Ciarrochi, Chan, & Bajgar, 2001) que a discussão actual reside.

Algumas das limitações metodológicas mais apontadas às escalas de auto-relato incluem a falta de confiança na opinião e compreensão do indivíduo, bem como a maior vulnerabilidade a factores de desejabilidade social (Roberts, Zeidner, & Matthews, 2001). Respondendo a tais limitações, vários autores defenderam o desenvolvimento de indicadores objectivos de IE, baseados na capacidade e desempenho pessoais (Mayer, Caruso, & Salovey, 1999), propondo que testes objectivos clássicos, de desempenho ou realização, sejam os pilares das investigações sobre IE, não sendo suficiente avaliar as percepções individuais de competência.

Contudo, tem-se demonstrado difícil determinar objectivamente respostas correctas para estímulos com conteúdos emocionais e, conseqüentemente, aplicar critérios exactos na pontuação atribuída às tarefas propostas (Roberts *et al.*, 2001).

Assim, parece existir uma maior preocupação por parte dos investigadores na procura de medidas de IE válidas e profícuas (Ciarrochi, Deane, & Anderson, 2002; Mayer, Caruso, & Salovey, 1999; Salovey & Mayer, 1990), particularmente no campo das medidas de desempenho ou realização.

Nesta senda, este estudo, partilhando desta preocupação actual, visa contribuir para este debate, apresentando um estudo de validade de uma medida de desempenho de IE – *Teste de Vocabulário Emocional (TVE)*. De facto, esta medida baseia-se numa conceptualização de IE menos alargada e mais operacionalizável dos autores Mayer e Salovey (1997), diferente das ancoradas nos atributos de personalidade e factores motivacionais do indivíduo (Brackett & Mayer, 2003), que considera a IE como uma competência ou capacidade. Neste quadro, a IE é entendida como um conjunto de capacidades restritas aos construtos do domínio da inteligência (Mayer, Roberts, & Barsade, 2008).

Apesar de segundo este modelo a IE se operacionalizar de forma unitária, esta pode ser divisível em quatro categorias diferentes (Mayer, Salovey, & Caruso, 2000). A primeira categoria diz respeito à identificação e percepção emocional, e envolve o reconhecimento e a entrada da informação no sistema emocional. A segunda e terceira categorias, facilitação emocional do pensamento e compreensão emocional, respectivamente, envolvem o processamento posterior de informação e enfatizam a resolução de problemas. Globalmente, a facilitação emocional do pensamento (segunda categoria) envolve o uso da emoção para melhorar o processamento cognitivo, enquanto que a categoria de compreensão emocional (terceira categoria) envolve o processamento cognitivo da emoção. O quarto nível, gestão emocional, diz respeito à auto-regulação emocional e à regulação das emoções nas outras pessoas (Mohoric, Takšic, & Duran, 2010).

Neste sentido, a IE é perspectivada como um conjunto de capacidades inter-relacionadas que permitem perceber, reconhecer e gerar emoções de modo a apoiar o pensamento, compreender sentimentos e cognições subsequentes, e regular as emoções de modo reflexivo, de forma a promover o desenvolvimento emocional e intelectual dos indivíduos (Mayer & Salovey, 1997).

Desta forma, este estudo pretende contribuir para a discussão acerca da validade das medidas de avaliação da IE, particularmente através da adaptação, validação e estudo das qualidades psicométricas no contexto português, de uma medida de desempenho de IE, *Teste de Vocabulário Emocional (TVE)*.

## **MÉTODOS**

### *Participantes*

A amostra deste estudo compreendeu 182 alunos, de ambos os sexos (57,1% do sexo masculino), com idades compreendidas entre os 15 e os 20 anos ( $M=16,8$ ;  $DP=1,26$ ) a frequentar o 10º (57,7%), o 11º (25,3%) e o 12º anos (27%) do ensino secundário, dos Cursos de Ciências e Tecnologias (28%), Tecnológicos (45,1%) e Profissionais (26,8%).

### *Instrumentos*

O *Vocabulary Emotional Test 35 (VET 35)* é uma medida de capacidade ou desempenho de IE originalmente desenvolvida na Croácia por Takšic, Herambasic e Velemir (2003), em contexto educativo, com alunos do ensino secundário, e funda-se no

modelo teórico de Mayer e Salovey (1997), particularmente, na capacidade para *Compreender a Emoção* (terceira categoria). O *VET* foi construído no mesmo formato de qualquer outro teste de vocabulário clássico e compreende 35 itens, que correspondem a palavras-alvo, com conotação emocional, com múltiplas opções de resposta (escolha do sinónimo que mais se aproxima da palavra-alvo).

Globalmente, o teste apresenta boas qualidades psicométricas, demonstrando correlações moderadas com outros testes de Inteligência (*California Tests of Mental Maturity – Subteste de Vocabulário* –  $r=0,67$ ,  $p=0,00$  e *Subteste de Pensamento Lógico* –  $r=0,33$ ,  $p=0,00$ ) e Inteligência Emocional (*Analysis of Emotions Test* –  $r=0,46$ ,  $p=0,00$ ) e explica 44% de variância única sobre vários testes clássicos de inteligência. Apresenta também um nível de consistência interna elevado ( $KR_{20}=0,90$ ) e demonstra, no que diz respeito à média da variância e da correlação inter-itens, valores moderados (0,22; Takšic & Mohoric, 2008). Este instrumento foi traduzido para as línguas inglesa e sueca e foi aplicado quer na investigação psicológica quer na prática clínica.

Foi ainda desenvolvido de raiz para este estudo um *Questionário Sócio-Demográfico* com o intuito de recolher alguns dados sócio-demográficos e escolares dos participantes.

### *Procedimento*

O instrumento original *TVE* foi inicialmente traduzido para a língua portuguesa e depois sujeito a um processo de retroversão para a língua original inglesa, no sentido de verificar a consistência das traduções realizadas. Uma vez que não se verificaram divergências nas duas versões, não existiu a necessidade de realizar novamente o processo.

A tradução portuguesa do *TVE* foi posteriormente submetida a estudos preliminares de reflexão falada, individualmente, com 7 estudantes (4 raparigas e 3 rapazes) do ensino secundário, com o intuito de avaliar o nível de compreensão das instruções e dos itens apresentados. Os dados recolhidos foram analisados e conduziram a pequenas alterações, essencialmente ao nível da maior adequação e simplificação de determinados itens às características da amostra em estudo.

O contacto com a escola envolvida foi realizado pessoalmente, tendo sido o pedido de colaboração formalizado por escrito. Após a confirmação da autorização para a realização do estudo, procedeu-se, de acordo com a disponibilidade da escola, à

selecção das turmas e à marcação dos dias e horários de administração dos instrumentos.

O *TVE* foi administrado em conjunto com um *Questionário Sócio-Demográfico*, em administrações colectivas com turmas inteiras, em horários lectivos, sempre com a presença na sala do respectivo professor da turma e de um investigador. Em cada administração foi explicado o objectivo do estudo e garantida a confidencialidade dos dados. Globalmente, a média de preenchimento dos questionários foi de 12 minutos por turma.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os resultados encontrados na análise exploratória das qualidades psicométricas da adaptação portuguesa do *TVE* foram, globalmente, satisfatórios. De facto, particularmente ao nível da análise da sensibilidade do instrumento, do índice de dificuldade e poder discriminativo dos itens, bem como no que se refere à sua consistência interna, os resultados demonstraram boas qualidades psicométricas, concordantes com os estudos da versão original.

### *Análise da Sensibilidade do TVE*

A amostra de estudantes do ensino secundário obteve resultados globais no *TVE* entre 3 e 30 pontos, dos 0 a 35 pontos possíveis, a que correspondem, respectivamente, a ausência e a totalidade de respostas correctas no teste, tendo sido o resultado de 20 pontos o mais frequente entre os alunos (cf. Gráfico 1). Como podemos visualizar pelo gráfico apresentado, a amostra parece seguir uma distribuição normal, a partir dos resultados totais do *TVE*, tal como era desejável.

O estudo dos vários indicadores de sensibilidade para o *TVE* revela que, ao nível das medidas de tendência central, de distribuição e de dispersão, os resultados são satisfatórios (cf. Quadro 1). A análise da sensibilidade do *TVE* permitiu concluir que: (i) os valores de média (18,9) e mediana (20) são próximos; (ii) os coeficientes de assimetria (-0,58) e de curtose (0,11) são todos inferiores à unidade; e (iii) os valores mínimo (3) e máximo (30) encontram-se afastados, assegurando a dispersão dos resultados. Neste sentido, podemos inferir que, globalmente, este instrumento possui uma boa sensibilidade.

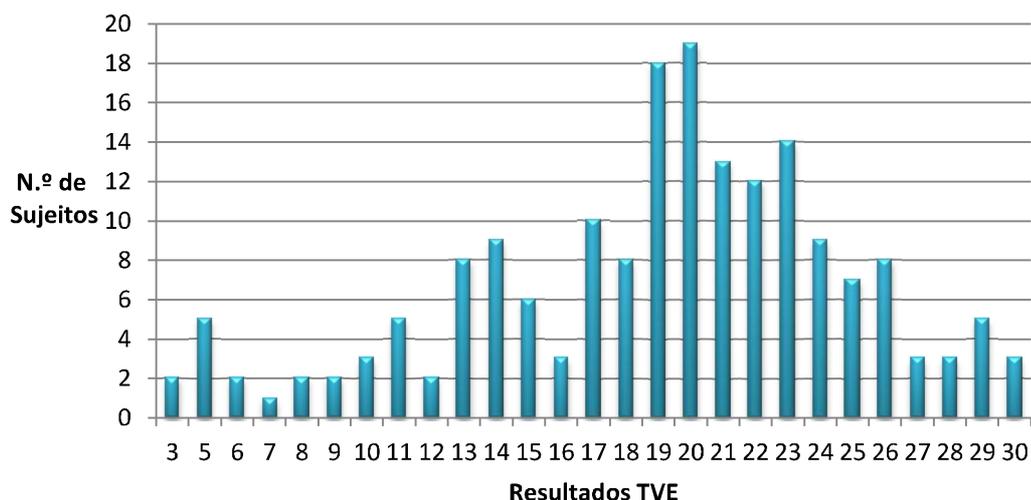


Gráfico 1 – Distribuição dos resultados no TVE

Quadro 1 – Medidas de tendência central, de distribuição e de dispersão do TVE

	M	Mediana	Assimetria	Curtose	D.P.	Mínimo	Máximo
TVE	18,9	20	-0,58	0,11	5,9	3	30

#### *Índice de dificuldade dos itens*

No que se refere à análise das propriedades dos itens que constituem o *TVE*, particularmente no que diz respeito ao índice de dificuldade, consideramos que os valores médios encontrados ( $M=0,55$ ;  $D.P.=0,22$ ) são bastantes satisfatórios, aproximando-se do valor 0,50 teoricamente ideal (Anastasi & Urbina, 2000). Mais ainda, os resultados médios obtidos são melhores do que os encontrados no estudo original do instrumento ( $M=0,62$ ;  $D.P.=0,21$ ).

Quando visualizamos o gráfico 2 verificamos que o índice de dificuldade mais frequente nos itens do *TVE* foi de 0,75 (sete itens com este valor). Apesar de os valores médios serem satisfatórios, alguns itens apresentam valores de índice de dificuldade extremados na escala, e deste modo, mais afastados do índice ideal, podendo estar a ser excessivamente fáceis para alunos de ensino secundário, ou, por outro lado, excessivamente difíceis. Assim sendo, os itens 5 e 35 do teste, por apresentarem tal comportamento, deveriam ser melhorados e sujeitos a algum refinamento no sentido de se tornarem mais equilibrados quanto ao seu índice de dificuldade.

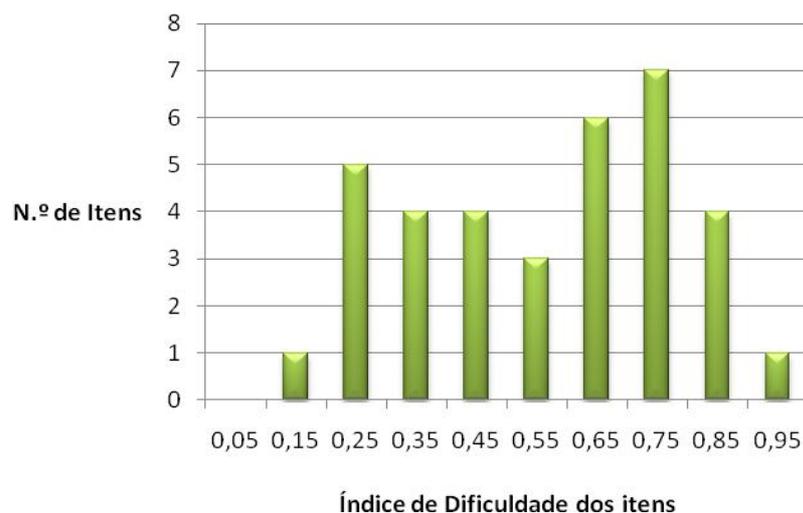


Gráfico 2 – Distribuição do índice de dificuldade dos itens

*Poder discriminativo dos itens*

No que concerne à análise do poder discriminativo dos itens do *TVE* foram encontrados valores médios de 0,27 (D.P.=0,12), sendo possível considerar estes valores como satisfatórios.

Para a maioria dos objectivos de testagem, são preferíveis os itens mais próximos do nível de dificuldade de 0,50, tal como foi referido. Deste modo, os níveis dos índices de discriminação dos itens que favorecem este nível de dificuldade são mais apropriados para a selecção dos itens (Anastasi & Urbina, 2000). Neste sentido, itens que se afastem consideravelmente deste valor, serão itens a eliminar ou a redefinir no futuro, não constituindo exemplos viáveis para a selecção da amostra, sendo exemplo disso os itens 5, 11, 15, 18 ou 33 (cf. Gráfico 3), que apresentam um baixo poder discriminativo, necessitando de posterior refinamento.

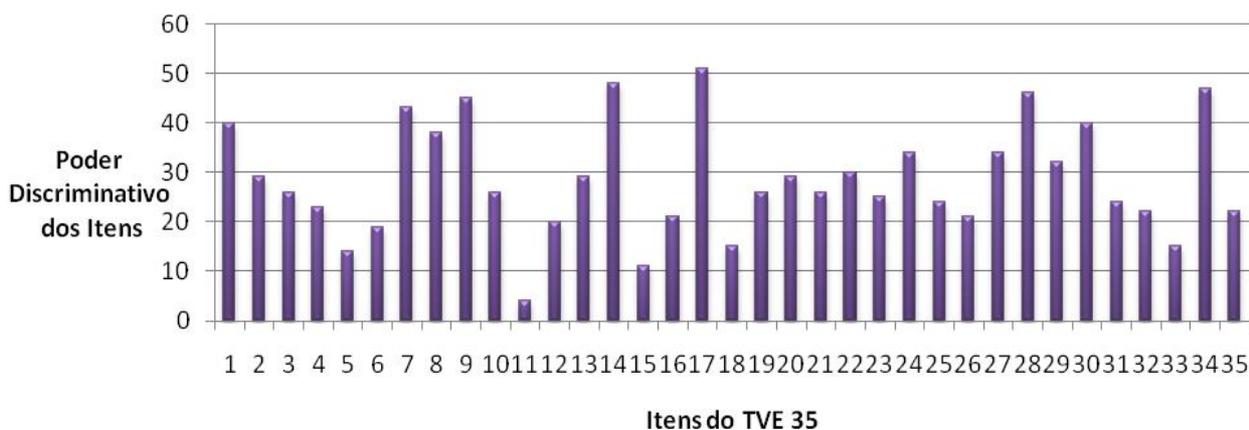


Gráfico 3 – Distribuição do índice de poder discriminativo dos itens

### *Consistência Interna*

No que concerne aos indicadores de consistência interna, o instrumento demonstrou, globalmente, uma boa consistência interna com resultados de *Kuder-Richardson*<sub>20</sub> de 0,77, sendo que os valores obtidos com a nossa amostra se encontram abaixo dos encontrados na amostra original (0,90). Por outro lado, os valores médios de correlação e de covariância inter-itens variaram entre 0,10 e 0,02, respectivamente, sendo também inferiores aos 0,22 encontrados no estudo original do instrumento.

### **CONCLUSÕES**

Globalmente, os resultados demonstraram que o *TVE* possui qualidades psicométricas satisfatórias e concordantes com os resultados obtidos no estudo de validação original do instrumento. Particularmente, o instrumento demonstrou ter uma boa sensibilidade, com os valores de média e mediana próximos, coeficientes de assimetria e de curtose inferiores à unidade e valores mínimos e máximos afastados.

A análise dos itens do *TVE* revelou também um índice de dificuldade melhor do que a versão original do instrumento, bem como um poder discriminatório satisfatório. Acresce ainda que os valores de *Kuder-Richardson*<sub>20</sub> (0,77) indicaram a boa consistência interna do instrumento.

Concluindo, é possível afirmar que o *Teste de Vocabulário Emocional* demonstrou potencialidades de utilização no contexto educativo português, tendo evidenciado qualidades psicométricas satisfatórias, não se excluindo, contudo, a necessidade de replicação futura dos estudos de validade com amostras mais alargadas e em outros contextos de existência.

### **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS**

- Anastasi, A. & Urbina, S. (2000). *Testagem psicológica*. Porto Alegre: Artmed Editora.
- Brackett, M. A., & Mayer, J. D. (2003). Convergent, discriminant and incremental validity of competing measures of emotional intelligence. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 29, 1147-1158.
- Ciarrochi, J., Chan, A. Y. C., & Bajgar, J. (2001). Measuring emotional intelligence in adolescents. *Personality and Individual Differences*, 31, 1105-1119.
- Ciarrochi, J., Deane, F. P., & Anderson, S. (2002). Emotional intelligence moderates the relationship between stress and mental health. *Personality and Individual Differences*, 32, 197-209.
- Conte, J. M. (2005). A review and critique of emotional intelligence measures. *Journal of Organizational Behaviour*, 26, 433-440.

- Davies, M., Stankov, L., & Roberts, R. D. (1998). Emotional intelligence: In search of an elusive construct. *Journal of Personality and Social Psychology, 75*, 989-1015.
- Mayer, J. D., Caruso, D., & Salovey, P. (1999). Emotional intelligence meets traditional standards for an intelligence. *Intelligence, 27*, 267-298.
- Mayer, J. D., Roberts, R. D., & Barsade, S. G. (2008). Human abilities: Emotional intelligence. *Annual Review of Psychology, 59*, 507-536.
- Mayer, J. D., & Salovey, P. (1997). What is emotional intelligence? In P. Salovey & D. J. Sluyter (Eds.), *Emotional development and emotional intelligence. Educational implications*. New York, NY: Basic Books.
- Mayer, J. D., Salovey, P., & Caruso, D. (2000). Emotional intelligence as a zeitgeist, as personality, and as a mental ability. In R. Bar-On & D. A. Parker (Eds.), *The Handbook of Emotional Intelligence*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Mohoric, T., Takšic, V., & Duran, M. (2010). In search of “the correct answer” in an ability-based emotional intelligence (EI) test. *Studia Psychologica, 52*, 219-228.
- Roberts, R. D., Schulze, R., & MacCann, C. (2008). The measurement of emotional intelligence: A decade of progress? In G. J. Boyle (Ed.), *Handbook of Personality*. New York: Sage.
- Roberts, R. D., Zeidner, M., & Matthews, G. (2001). Does emotional intelligence meet traditional standards for an intelligence? Some new data and conclusions. *Emotion, 1*, 196-231.
- Salovey, P., & Mayer, J. D. (1990). Emotional intelligence. *Imagination, Cognition and Personality, 9*, 185-211.
- Takšic, V., Herambasic, D., & Velemir, B. (2003). *Verbal Emotional Test (VET 35)*. Rijeka: Authors' edition.
- Takšic, V., & Mohoric, T. (2008, Julho). *Vocabulary of Emotion Test (VET): Ability measure of emotional intelligence*. Comunicação apresentada no *XXIX Congresso Internacional de Psicologia*, Berlim/Alemanha.